

## TRANSDISCIPLINARIEDADE E DISCURSO EM LINGÜÍSTICA APLICADA \*

SILVANA M. SERRANI  
UNICAMP

Este trabalho constará de duas partes; uma, na qual faremos considerações sobre a relação da Lingüística Aplicada com as outras disciplinas que lhe dizem respeito, procurando contribuir para a abordagem dessa questão com elementos decorrentes da Teoria do Discurso. A segunda parte tratará dos deslocamentos teórico-metodológicos fundamentais em uma proposta discursiva para o estudo do processo de aprendizagem de uma L2.<sup>1</sup>

### **A. Acerca do Locus Epistemológico da Lingüística Aplicada**

Como é sabido, a Lingüística Aplicada (LA) surgiu possuindo nexos muito estreitos com a Lingüística Geral, então em fase de expansão. Essa situação tem variado entre dois polos: a afirmação de vassalagem e a reivindicação de autonomia (cf. Vives, 1988:25), mas sempre afirmando que seu domínio de reflexão e ação consistia em um lugar terceiro com referência à teoria da língua e ao seu ensino (cf. Coste, 1985:5).

No começo, aderindo à posição de cortar laços com a Gramática Tradicional, a LA emprestou noções e terminologia próprias da Lingüística Teórica, em muitos casos, como sabemos, de um modo mimético e superficial. Isso pode ser explicado, segundo Coste (op. cit.:6), pela ênfase colocada no trabalho sobre materiais didáticos e a necessidade de renovação dos mesmos. Nessa necessidade tem se inscrito também, as pressões do mercado editorial, e/ou a obrigação de legitimar as produções da LA por meio de marcadores de prestígio provenientes da Ciência Lingüística, uma vez que esta última, por oposição à Gramática que era configurada como prescritiva e não científica, garantiria o progresso racional do ensino de línguas. Assim, o que tem acontecido freqüentemente é uma transferência de elementos da teoria lingüística que, ao serem descontextualizados da construção conceitual de origem, perdiam parte de seus sentidos.

Por exemplo, nos modelos que consideravam pertinente a "aplicação" da noção de traços semânticos, seu uso contribuía para acentuar uma visão simplista do sentido das palavras. Conforme Vives (op. cit.:28), isso aconteceria por causa da perda que se dá, na prática pedagógica, do estatuto diferencial que esses traços tem para o lingüista teórico dedicado à análise sintática de sentenças. Entretanto, a nosso ver, caberia pensar se não se trata das limitações próprias da noção de traço semântico que o domínio aplicado possibilita evidenciar. Mesmo assim, consideramos válido o exemplo para mostrar a transposição automática que tem havido de conceitos e procedimentos da Lingüística Teórica.<sup>2</sup>

No curso dos anos '70 cresce a tendência a uma maior independência face à Lingüística, evidenciando-se nos trabalhos de LA, a preocupação pelo tipo de relação estabelecida com outras disciplinas que também lhe dizem respeito. A configuração da LA enquanto abordagem multidisciplinária para a solução de problemas práticos que envolvem questões de linguagem já é nítida no início da presente década (cf. Strevens, 1980). Essa concepção implicou em uma ampliação do leque de interesses da LA, além dos típicos problemas da área, isto é, ensino/aprendizagem de línguas (cf. Cavalcanti, 1986).

Em relação à definição do domínio da LA como núcleo de uma abordagem multidisciplinária, considero necessário que nos detenhamos sobre um ponto crucial. A meu ver, se essa configuração epistemológica não for situada de maneira específica, corre-se o risco de que o locus da LA venha a ter alguns pontos de contato com a situação que Paul Henry caracteriza para a História no campo das ciências sociais. Ele observa que a partir da concepção popperiana existe uma tendência nas ciências humanas e sociais a negar a existência de toda dimensão própria à História a considerá-la como apenas o resultado da combinação de processos ou mecanismos de natureza econômica, sociológica, psicológica ou antropológica; assim, a análise científica desses processos e mecanismos dependeria de cada uma das disciplinas e de sua metodologia, ficando a História sem conteúdos específicos. Ela representaria apenas o ponto de vista da complementaridade do que é estudado pelas diferentes ciências humanas e sociais. A situação paradoxal produzida, então, é a de que a História, de um lado, seria o lugar eminente da articulação e complementariedade das diversas ciências humanas e sociais mas, de outro, ela não teria objeto próprio e, portanto, enquanto disciplina ou corpo de saber, lhe seria negado ter propriamente, e por ela mesma, caráter de ciência (cf. Henry, 1984:56-57).

Levando em conta as particularidades do domínio da LA<sup>3</sup>, a consideração dessas questões relativas à História tem, a meu ver, a rele-

vância de contribuir para a discussãosobre o locus epistemológico de nos-  
so campo de estudo, bem como para situar minha proposta que é a de as-  
sumir uma perspectiva em consonância com os princípios teórico-metodo-  
lógicos da Análise do Discurso<sup>4</sup> para a pesquisa em LA, particularmente no  
domínio do estudo do processo de aprendizagem de uma L2, com foco no  
caso específico do espanhol por brasileiros. Nesse sentido, a respeito da  
asseveração popperiana sobre a inexistência da História enquanto ciência,  
parece-me de interesse lembrar que, desse ponto de vista, a História só te-  
ria sentido sendo puramente descritiva, uma simples historiografia. Con-  
cordamos com Henry (op. cit.:79) quando afirma que essa concepção de ci-  
netificidade, ao apoiar-se no pressuposto filosófico da possibilidade de  
uma disjunção entre saber, de um lado, e política e ética, do outro, propi-  
ciou o reconhecimento das ciências humanas enquanto ciências, mas dei-  
xando de lado toda uma série de questões fundamentais, principalmente a  
questão da historicidade nelas inscrita. O referido autor se pergunta: se o  
homem não é considerado somente em sua evolução biológica; se, no cur-  
so de sua vida, não tem apenas um desenvolvimento individual fisiológico,  
intelectual, etc., mas tem uma história; não é principalmente porque ele  
fala? E nós acrescentaríamos, porque ele fala uma ou mais línguas?

Assim aderimos à posição de Galisson (1985) quanto à impor-  
tância da inclusão da Política -principalmente linguística e cultural- e da  
Economia na concepção do que ele denomina didactologia, ou seja, do  
domínio discursivo no qual se produz a teorização sobre a didática de lín-  
guas (apud Coste, 1986). Por outro lado, propomos também, caracterizar  
como **transdisciplinário** o percurso da LA (e não como multi-, pluri-, ou in-  
ter-disciplinário), a fim de evidenciar que o objeto de estudo **atravessa** as  
fronteiras das disciplinas, as quais não participam aditivamente, como me-  
ras fornecedoras de subsídios, mas cujos campos são, por sua vez, pro-  
blematizados nesse cruzamento. Essas fronteiras não são fixas e seu di-  
namismo é historicamente determinado. Trata-se da história das forma-  
ções sociais, das instituições concretas onde se inscreve o desenvolvimen-  
to das disciplinas e também da história própria de cada uma delas. Nesse  
sentido, a noção de “importação de conceitos” é inadequada (cf. Boutet,  
1988:40) pois bloqueia a apreensão da especificidade das **relações** entre os  
campos de saber particulares que concorrem para a abordagem de um de-  
terminado problema que envolva questões da linguagem.

A partir do exposto, levando em conta que, no Brasil, a conso-  
lidação da Lingüística Aplicada é um processo que, como observa Kleiman  
(1989), requer o reforço da área enquanto campo de investigação com pro-  
cupações e objetos de estudo diferenciados<sup>5</sup>, considero necessário que no  
desenvolvimento das pesquisas, quer em domínios tradicionais no escopo

da LA quer em sub-áreas novas, a prática transdisciplinar seja efetivada concretamente. Para tanto, é preciso deslocar-se o **modus operandi** da busca de “contribuições” já prontas de outras áreas, providas da leitura de trabalhos nelas produzidos, para passar a incluir a participação ativa<sup>6</sup> de pesquisadores de áreas envolvidas, a fim de dar conta da problematização que provoca em cada área a abordagem do objeto de estudo proposto pelo lingüista aplicado. Gera-se, desse modo, novos espaços de conhecimento. Outrossim, do nosso ponto de vista, é fundamental que não seja apagada nossa condição de terceiro mundistas ao estabelecer o quê, o como e o para quê das pesquisas na consecução dessa transdisciplinariedade que a área requer.

## **B. Deslocamentos Teórico-Metodológicos Fundamentais em uma Proposta Discursiva**

Assumir a posição de uma perspectiva discursiva em LA implica em uma ruptura epistemológica com as concepções de linguagem próprias tanto do formalismo logicista como do sociologismo; pois, como bem observam Pêcheux e Gadet, são duas formas específicas de denegação do chamado “continente história”. Na primeira, a relação entre um sujeito dotado de intenção e um objeto língua concebida como instrumento aparece como tendo uma importância fundamental no estabelecimento de categorias e propriedades gramaticais, situadas na região das “idéias puras” e dos universais lingüísticos. Por exemplo, é freqüente que através de uma amálgama entre o domínio do tecnológico (transformações intencionais de “estados do mundo”) e do jurídico (relação entre sujeitos, as vezes a propósito de coisas), o formalismo logicista apresente suas abordagens dos fenômenos de linguagem baseando-se, recorrentemente, em exemplos que dizem respeito à problemática filosófico-jurídica da relação de responsabilidade entre pessoa e coisa (deshistoricizadas e no quadro de uma concepção universalista), relação essa que aparece predominantemente sob a dupla forma da propriedade e do contrato. Na tendência sociologista, a denegação da historicidade acontece sob a aparência de estar incluindo-a, pois reduz a análise das relações sociais a uma psico-sociologia das relações interindividuais (status, papel, prestígio, atitude, motivação)<sup>7</sup>.

A ruptura com essas concepções de linguagem pode ser efetivada ao trabalharmos com a distinção **formulação/enunciado**, tal como ela é entendida na Teoria do Discurso a partir das proposições de Foucault (1969, ed. esp. 1985). A **formulação** corresponde à atuação verbal efetivamente produzida, sempre localizável em coordenadas espaço-temporais e referida a um autor. Como sabemos, as unidades que a Gramática ou a Lógica podem reconhecer na formulação de um conjunto de signos efetiva-

mente produzidos são: a frase ou a proposição, com suas regras específicas de formação. O **enunciado** possui uma materialidade da ordem do **receptível**; por isso não pode ser isolado na horizontalidade das seqüências, uma vez que sua existência não é a de uma totalidade autônoma, suscetível por si só de formar sentido. É na articulação dos dois níveis, da formulação e do enunciado, que se constituem o discurso e o sujeito (cf. Courtine, 1981 e 1982 e Orlandi, 1988:110).

Dado que um foco de nossos interesses encontra-se no estudo do processo de aprendizagem de L2, é conveniente ressaltar que assumir uma perspectiva discursiva em LA implica, também, em uma ruptura epistemológica com as teorias de aprendizagem comportamentais e cognitivistas. A concepção de subjetividade que se articula à Teoria do Discurso é a psicanalítica em seu desenvolvimento laciano e é no escopo dos pressupostos fundamentais dela que tem de se inscrever as questões sobre o processo de aprendizagem.

A perspectiva que adotamos implica, além do mais, em deslocar de uma visão empirista a noção de **prática**, seja a pedagógica seja a de pesquisa em LA, no seu sentido mais lato. Para tanto, é indispensável que a linguagem produzida se conceba como **prática discursiva**, isto é, como conjunto de regras históricas, anônimas, que definem, numa época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da **função enunciativa** (cf. Foucault, ed. 1985:198). É por isso que em trabalhos anteriores (cf. Serrani, 1988)<sup>8</sup>, referindo-nos à pedagogia do espanhol a brasileiros, enfatizamos a importância de desviar a centralidade tradicionalmente atribuída à problemática dos materiais didáticos para a focalização da prática discursiva instaurada com a concorrência deles. Nesse sentido, minha proposta de realização de seminários<sup>9</sup> por parte dos alunos procura propiciar a instanciação de práticas em contexto pedagógico, em consonância com a perspectiva teórico-metodológica que assumimos.

## NOTAS

\* Meus agradecimentos a Angela Kleiman, Eni Orlandi e John Schmitz pelos enriquecedores comentários que fizeram após a leitura da versão preliminar deste trabalho. Agradeço, também, a Maria da Glória de Moraes a cuidadosa revisão final do texto em português.

1. Incluimos aqui, sob a denominação de L2, também a situação de língua estrangeira.

2. Para uma crítica detalhada da Semântica baseada na análise de traços componentes, cf. Pêcheux, ed. 1988:28-37.
3. Ocupar-nos-emos mais detidamente dessas particularidades na segunda parte do trabalho.
4. Tal como ela é concebida nos trabalhos da equipe dirigida por M. Pêcheux, na França, e de E. Orlandi, no Brasil.
5. As três sub-áreas que melhor definem a LA no país, conforme a referida autora, são: ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, leitura em língua materna e produção do texto escrito.
6. No levantamento realizado durante o transcurso do Seminário no 2º CBLA entre numerosos participantes procedentes dos mais diversos pontos do país, verificou-se que a existência de projetos com proposta transdisciplinar efetiva era muito escassa. Na maioria dos casos, a causa foi atribuída a dificuldades de ordem burocrático-institucional.
7. Exemplos de lições de cursos de línguas estrangeiras foram discutidos durante o Seminário. Eles apresentavam a marca do formalismo logicista e do sociologismo na elaboração de materiais didáticos.
8. Esses trabalhos foram realizados no escopo do projeto "Proposta Discursiva para o Estudo do Processo de Aprendizagem de Espanhol por Brasileiros", CNPq 1984, por mim coordenado. Resultados parciais da pesquisa foram apresentados, por exemplo, no âmbito dos Colóquios do DLA-IEL-UNICAMP, em julho de 1989. Participaram de reuniões de trabalhos no primeiro semestre desse ano: C. Rodríguez, L. de Lajonquière, P. Franzoni e S. Lagazzi.
9. Uma descrição da proposta encontra-se em meu trabalho referido acima.

## BIBLIOGRAFIA

- BOUTET, J. (1988): "Didactique des langues et relations interdisciplinaires", *Études de Linguistique Appliquée* n° 72. Paris, Didier Érudition, pp. 39-42.
- CAVALCANTI, M. (1986): "A Propósito de Lingüística Aplicada", *Trabalhos em Lingüística Aplicada* n° 7. Campinas, IEL-UNICAMP, pp. 5-12.
- COSTE, D. (1985): "Sur quelques aspects des relations récentes entre grammaire et didactique du Français langue étrangère", *Langue Française* n° 68. Paris, Larousse, pp. 5-17.
- . (1986): "Didactique et diffusion du Français langue étrangère. Questions de priorité". *Études de Linguistique Appliquée* n° 64. Paris, Didier Érudition, pp. 17-29.

- COURTINE, J.-J. (1981): "Analyse du discours politique". **Langages** 62. Paris, Larousse.
- . (1982): "Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en Analyse du discours". **Philosophiques**, vol. IX, n° 2, pp.239-264.
- FOUCAULT, M. (1969): **L'Archéologie du savoir**. Paris, Gallimard. Trad. esp., 11a. ed. (1985), Siglo Veintiuno, México.
- GALISSON, R. (1985): "Didactologies et idéologies". **Études de Linguistique Appliquée** n° 60. Paris, Didier Érudition.
- HENRY, P. (1984): "L'Histoire n'existe pas", **Studies in the History of Psychology and the Social Sciences** 3. Proceedings of the Third Meeting of Cheiron. European Society for the History of the Behavioral and Social Sciences, Roma.
- KLEIMAN, A. (1989): "Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas: Uma Apresentação", **Anais da IV ANPOLL**, São Paulo.
- ORLANDI, E. (1983): **A Linguagem e seu Funcionamento**. São Paulo, Brasiliense. 2ª ed. (1988) Campinas, Pontes.
- . (1988) **Discurso e Leitura**. Campinas, Cortez e Ed. da UNICAMP.
- PÊCHEUX, M. (1975) **Les vérités de La Palice**. Ed. bras.: **Semântica e Discurso- Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.
- e GADET, F. "Y a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?" Mimeo.
- SCHMITZ, J. (1987): "Temas e Pesquisas em Lingüística Aplicada: Novos Rumos". **Trabalhos em Lingüística Aplicada** n° 10. Campinas, UNICAMP, pp.71-85.
- SERRANI, S. (1988): "Por una política plurilingüística y una perspectiva pragmático-discursiva en la pedagogía de lenguas". **Política Lingüística na América Latina**, E. Orlandi (org.). Campinas, Pontes, pp.179-191.
- STREVENS, P. (1980): "What Are Applied Linguists and What Do They Do?" em KAPLAN, R. (ed.): **On the Scope of Applied Linguistics**. Rowley, MA, Newbury House, pp.28-36.
- VIVÈS, R. (1988): "Quand la didactique fait ses emplettes chez les linguistes", **Études de Linguistique Appliquée** n° 72. Paris, Didier Érudition, pp.25-35.